

**ANTIGUIDADE ROMANA E NUMISMÁTICA: POLÍTICA E ESTUDO DE
GÊNERO**

ROMAN ANTIQUITY AND NUMISMATICS: POLITICS AND GENDER STUDIES

Claudio Umpierre Carlan
Camila dos Reis Silva

Como citar este artigo:

CARLAN, Claudio Umpierre; SILVA, Camila dos Reis. Antiguidade romana e numismática: política e estudo de gênero In: *Cadernos do Lepaarq*, v. XV, n.30., p. 8-18, Jul-Dez. 2018.

ISSN 2316 8412



Antiguidade romana e numismática: política e estudo de gênero

Claudio Umpierre Carlan^{a,c}

Camila dos Reis Silva^{b,c}

Resumo: O artigo tem como objetivo analisar as representações política e de gênero nas cunhagens romanas. Dentre essas transformações monetárias, as imagens de deidades, bustos de imperadores, de aspectos militares e sexuais - as dimensões políticas estão intrinsecamente presentes em todas elas.

Abstract: The article aims to analyze the political and gender representations in Roman coinage. Among these monetary transformations, the images of deities, busts of emperors, of military and sexual aspects - the political dimensions are intrinsically present in all of them.

Palavras Chave:

Moeda; Poder; Arqueologia; Cultura material.

Keywords:

Coin; Power; Archaeology; Material culture.

a Professor Associado I de História Antiga e do Programa de Pós Graduação em História Ibérica da Universidade Federal de Alfenas em Minas Gerais (UNIFAL-MG), Brasil. E-mail: carlanclaudio@gmail.com

b Mestre em História, pelo Programa de Pós Graduação em História Ibérica da Universidade Federal de Alfenas em Minas Gerais (UNIFAL-MG), Brasil.

c Grupo de Pesquisa: Arqueologia Histórica da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Brasil; Península Ibérica: da Antiguidade Tardia a Reconquista.

INTRODUÇÃO

A imagem na Antiguidade tinha uma função específica: apresentar a um determinado grupo social, algo que representasse a orla do poder. Ela não apenas legitimava um imperador ou rei, funcionava como uma espécie de propaganda política.

A esta carga política e ideológica presente no corpo da amoedação, converte-se o documento material em monumento; consciente ou não, é uma tentativa propagandística de se fazer perpetuar nas memórias presentes e futuras, determinada imagem das próprias sociedades (LE GOFF, 1984, p. 103).

Segundo Chartier, o ser humano tem a necessidade de criar símbolos ligados ao poder, para que haja uma distinção entre os indivíduos, como as insígnias de coroas e cetros tendem a demarcar o soberano distinguindo-o dos demais. Contribuiu-se para a noção política do governo e a existência do estado, transformando o documento em monumento, representando simbolicamente o poder estatal e sua prosperidade (CARLAN, 2012, p.71).

A moeda tem sido estudada pelos historiadores sob o prisma de mercadoria, objeto de troca. Procurou-se ligá-la com a História Social, ou seja, com os reflexos que a mutação monetária produzia na sociedade à nível de salários, custo de vida e os consequentes comportamentos coletivos perante estes. O estudioso da moeda se tem preocupado mais com o corpo econômico e social que ela servia do que com o metal que a produzia e a informava. Estruturalmente a amoedação ultrapassava os limites geográficos do poder que a emitia e definia ideologicamente não só um povo, mas também a civilização a que este pertencia.

Nesse sentido, a numismática não está restrita aos museus, apesar de durante décadas ficar “presa” a catálogos, e acervos guardados a sete chaves. Ela parte de um interesse mais amplo, colaborando com diversas disciplinas, auxiliando nas mais variadas pesquisas, tanto arqueológicas, quanto relacionadas com a Antiguidade Clássica ou demais períodos históricos. Trata-se de um veículo propagandístico, com mensagens, arte, religião (magias e superstições), ideologia e política, ideia defendida por Eckhel, no século XVIII, considerado por muitos como fundador da numismática como ciência.

HISTÓRIA, NUMISMÁTICA E CULTURA MATERIAL

Joseph Hilarius Eckhel, nasceu em Enzesfeld, nordeste da Áustria, em 1737. Era filho do administrador do príncipe de Montecuccoli, nobre austríaco de origem italiana. Teve uma forte formação jesuíta, entrando para ordem no ano de 1764. Enviado para Florença, estudou e analisou, o tesouro numismático do cardeal Leopoldo de Médici (1617 – 1675). Em 1775, retorna a Viena e assume a direção do Gabinete Numismático Imperial, sendo nomeado professor de Antiguidade e de ciências auxiliares da História (Universidade de Viena). (CARLAN, 2015, p. 15)

Eckhel utilizou um novo critério para organização dos acervos numismáticos antigos. Não mais em ordem alfabética, como era o costume na época, mas sim em dois departamentos distintos: moedas gregas, cunhadas em cidades gregas ou sobre sua influência, a que são adicionadas regiões da Península Ibérica, Ásia e África, com base no contato dessas civilizações com o Mar Mediterrâneo (CARLAN, 2015, p. 16). E moedas romanas, cunhadas sob a autoridade de Roma, em todo o império, seguindo ordem cronológica de cunhagem.

Ainda nesse período, escreveu *Catalogus Musei Caesariensis*, analisando a coleção do Gabinete Numismático da Áustria Imperial, tendo como base científica seu novo método. Sua obra mais importante, foi escrita entre 1792 – 1798, é a *Doctrina Numorum Veterum, Doutrina das Moedas Antigas*, dividida em oito volumes e que serviu de modelo para a organi-

zação dos gabinetes numismáticos europeus e americanos (CARLAN, 2015, p. 19-20).

Algo mais que um meio de comunicação, ou de exposição dos grandes mistérios da mitologia, religião, poder, ideologia e política, a revolução da imagem inicia outros caminhos. A exposição pública passa ser contemplada em salões e museus. Sendo a moeda um objeto fabricado pela mão do homem, o metal utilizado para fabricação das peças, como também as gravuras e legendas, trazem à luz a História Política e das Artes.

A circulação monetária, auxiliada por um trabalho metodológico de conhecimento das técnicas de análises, são de ajuda fundamental para o estudo da História Econômica.

Nas amoedações mais antigas seu trabalho chega a ser artesanal. Certas emissões possuem características próprias, como podemos notar nos modelos abaixo.



Coleção do Museu Histórico Nacional (MHN), Rio de Janeiro. Foto: Cláudio Umpierre Carlan, junho de 2004.

Descrição da Moeda

Legendas

Anverso: IMP C FL VAL CONSTANTINVS PF AVG

Reverso: IOVI CONSERVATORI AVGG

Descrição da Iconografia

Anverso: busto radiado de Constantino I, o grande, à direita, apresentado como Imperador, César e Augusto (IMP CAVG).

Reverso: representação de Júpiter nú, voltado para esquerda, lábaro na mão esquerda, sen do coroado pela *Victoria* (mão direita). Ao seus pés, esquerda do observador, uma águia com uma coroa de louros no bico. À direita, um prisioneiro amarrado, olha para divindade. No exergo ou linha de terra, SNKΔ, referente a segunda casa monetária de Nicomédia. Cunhada entre os anos de 313 e 317. Alto reverso 12 horas, diâmetro de 1,92 mm.

Águia, um dos símbolos mais antigos representados pelo homem, em Roma (*Aquila Romana*), identificava o poder e a coragem, sendo um dos símbolos mais fortes do imperialismo, antigo ou moderno. Sua popularidade alcançou o apogeu com Carlos Magno, que se auto denominou sucessor dos Imperadores Romanos.

Enquanto que a coroa, simboliza a realeza, o poder real e sua autoridade máxima. A coroa de louros, vitória, triunfo sobre seus oponentes.

Nessas cunhagens, há sinais de *pátina*. No caso do bronze, a pátina serve como camada protetora, aumentando o valor da moeda, porque se mantém fixa ao metal, não se soltando. Os químicos também chamam de pátina as camadas esverdeadas (azinhavre), formada pela oxidação do bronze em ação com a umidade.

AS MOEDAS *SPINTRIAE* E SUAS POSSIBILIDADES POLÍTICAS

Ao longo da História as autoridades vigentes usufruíam de símbolos com intento de promover seu poder, seja ele político, religioso, militar, ou de outro aspecto. Na Antiguidade, a imagem do imperador implicava na condensação de todas essas esferas (CARLAN, 2011, p. 9).

“Os povos que habitavam o vasto império romano tinham conhecimento de que o busto representado naquela di-minuta peça de bronze, prata ou ouro era do seu governante (CARLAN, 2011, p. 4)”. As convenções sociais fariam que estes elementos simbólicos se perpetuassem como signos de poder imperial, transformando a moeda em monumento histórico. Mas e quando há cunhagens que fujam dessas convenções sociais e políticas?

As *spintriae* circularam pelo principado romano, dos séculos I. a.C a II d.C, por todo império. Nelas há cunhadas cenas de cúpulas, das mais diversas posições sexuais. O império estava no seu apogeu. Até então bustos e insígnias de poderes que remetem ao imperador eram empregadas nas amoedações (MARQUETTI, F. R.; CARLAN, C. U.; FUNARI, P.P., 2015, p.117). Não há um consenso no meio acadêmico sobre as funções dessa cultura material, podendo ser moedas pagas aos soldados, fichas de prostíbulos, fichas de créditos, ou até mesmo objeto de jogos sexuais (FISHBURN, 2007, p. 54).

Embora as moedas tenham sido encontradas em lupanares, a representação do ato transcende os aspectos fisiológicos; a mulher, nas moedas, segundo Funari, Carlan e Marquetti (2016), seria a representação do território conquistado, enquanto o homem representa o poder imperial.

De acordo com estes autores, no ato sexual havia o significado de como se deu o processo de conquista em cada território. Se o ato reflete algo imposto, forçado, corresponde a uma conquista conflituosa; caso haja um olhar entre o casal, de cumplicidade, denota uma conquista pacífica. A cunhagem do ato sexual possui um valor político intrínseco, e nos fornece indícios de relações de poderes entre as variantes de feminilidades e masculinidades no mundo romano.

Corroboramos em parte essa hipótese de Marquetti, Carlan e Funari, de que seriam moedas pagas aos soldados do Império, o que justificaria sua propagação por todo o mundo romano, não se restringindo apenas aos prostíbulos. No entanto há cunhagens em que podemos notar que ambos os personagens possuem coroas, em outras não. Tratando-se de conquistas, por que a coroa é encontrada cunhada somente em algumas moedas? Quando cunhadas em papel de submissão forçada, não poderiam influenciar negativamente naqueles que foram conquistados pelo conflito, como algo ultrajante e passível de resposta?

As *spintriae*, bem como os epigramas de cunho sexual, que tiveram grande expressão com Ovídio, e depois Marcial, Juvenal, são contemporâneos a *pax romana*. Sobre o gênero literário conhecido como epigramas ou invectiva e a popularização do impudico, Paul Veyne nos diz que

O insulto obsceno, que despencava em cataratas, era também um gênero de polêmica literária: Catulo ou Marcial deram insultos obscenos às carradas sobre os poetas rivais. Esse emprego da obscenidade era comum entre os senadores, os intelectuais e o povo (VEIYNE, 2008, p.112)

Os romanos viam a humanidade abaixo da média e não é o vício que os espanta, mas a virtude. O que teria grande interesse para uma sociologia de um gênero literário bem romano, a sátira (VEYNE, p.110).

Possivelmente neste epigrama de Marcial, o autor relata que Filênis é tão desprovida de beleza, que somente alguém que praticasse a felação poderia querer beijá-la: “Por que não te beijo, Filênis? És careca. Por que não te beijo, Filênis? És vermelha. Por que não te beijo, Filênis? És caolha. Quem beija estas coisas, Filênis, chupa (AGNOLON, 2007, p.119)”.

Podemos observar essa predileção dos romanos para representar o impudico e atos libidinosos tanto pela escrita,

como é próprio dos epigramas, quanto pelo imagético, pela viés da cunhagem de moedas com práticas sexuais, por exemplo. O sexo e sua representação faziam parte do cotidiano e dos gostos romanos.

Não seria possível as *spintriae* serem moedas para deleite e diversão para a majoritária população, bem como os epigramas eram para a elite letrada? Essa é uma hipótese que pensamos a respeito da função desta cultura material. Seria interessante, mesmo com todo o esforço de manter a paz interna de um império tão vasto, cunhagens que talvez pudessem afrontar os territórios conquistados devido ao seu teor de submissão forçada?

As *spintriae*: escolhas e análises

Muitas destas amoedações possuem posições sexuais e contextos imagéticos semelhantes, por isso privilegiamos as que se destoavam mais uma das outras, em atos sexuais distintos, e que retratassem pessoas de estratos sociais diferentes- de acordo com a nossa análise.

Nossas descrições vão ao encontro com das análises feitas no artigo de Marquetti, Carlan e Funari, e são semelhantes pelas seguintes razões: primeiramente, não dá para se distanciar muito da leitura imagética de uma cultura material pelo viés iconográfico, visto que relatamos aquilo que se vê. Há algumas observações divergentes que fizemos, com o intuito de colaborar com os questionamentos ainda existentes no âmbito acadêmico a respeito das funções dessa tipologia de amoedação.

Moeda 1:



Imagem extraída do artigo Muito além do prazer. As moedas romanas e as posições sexuais: relações de poder. CARLAN, FUNARI, MARQUETTI, Revista Est. Fil. e Hist. da Antiguidade, Campinas, nº 29, jan-dez 2015.

No anverso há uma cena que retrata a prática do *fellatio*. Na margem direita da figura há um homem com o braço direito levantado reclinado a cabeça, enquanto o braço esquerdo repousa no leito- indica posição distensa, de relaxamento e dominação. O homem no plano esquerdo pratica-lhe o sexo oral. Este mantém-se reclinado, não há contato de olhares, o que pode ser um indício de não reciprocidade e intimidade.

Há também ausência de prazer e tensão por parte do homem que pratica o *fellatio*. Este é ligeiramente menor do que o homem que recebe o sexo oral, podendo denotar a diferença de poderes entre eles; relação entre senhor e escravo, ou entre um homem de uma hierarquia social específica e um prostituto.

O fato da pouca ornamentação como cortinas no leito, pode indicar um lupanar, ambiente de prostituição, ou uma casa de um cidadão romano, não ligado à elite. No plano superior, segundo Marquetti, Carlan e Funari, no canto esquerdo, acima da cabeça do homem que pratica o sexo oral, há uma estrela cunhada, que denota o poder imperial de Augusto. Das moedas analisadas, todas possuem alguma insígnia de poder que remete ao império.

Outro aspecto interessante é o tamanho do falo do homem à esquerda, com relação ao falo do homem que pratica o sexo oral. Esta diferença pode estar associada à importância e poder social de cada homem cunhado.

Tanto o grafite quanto a literatura antiga nos informam de que a felação era assunto relacionado à prostituição. Era um ato sexual que nenhum homem romano da elite poderia requerer da sua mulher- e com boa razão. Os romanos eram particularmente preocupados com a pureza e os cuidados com a boca. Este era o órgão dos discursos e, acima de tudo, o órgão de oratória pública. Eventos sociais também focavam na boca limpa, desde que era costume para pessoas de mesma classe beijarem-se quando se cumprimentavam (CLARKE, 2001, p. 220, apud CAVICCHIOLI, 2009, p.85)

No reverso dessa amoedação há o número romano VII, emoldurado por uma coroa de louros, que remete a um símbolo natural de vitória.

A estrela representa/legitima Augusto como sucessor de César. Segundo Suetônio, quando César foi assassinado, Augusto viu um cometa ou estrela cadente passando, teve o presságio de que era César reconhecendo seu sobrinho neto como herdeiro (MARQUETTI, CARLAN, FUNARI, 2012, p. 129-130).

No artigo de Marquetti, Carlan e Funari, esta moeda é entendida pelos pesquisadores como uma relação entre homem e mulher. Porém, parece-nos que os corpos das duas figuras se correspondem; a imagem da mulher é geralmente representada pelos romanos em formas curvilíneas, com exposição dos seios e ancas largas, e nesta moeda estes aspectos estão ausentes. Ambos os corpos se assemelham a imagem da representação de homens.

A possibilidade de se tratar de uma relação entre dois homens que nos fez questionar a respeito da hipótese desta leitura política que os autores acima fizeram. Se o homem, segundo os autores, representam o império romano e a mulher o território conquistado, qual haveria de ser o significado, nesta perspectiva, da prática sexual entre dois homens?

Ao redimensionar a imagem, observamos que possivelmente há a representação do falo do homem que pratica o *fellatio*, mas poderíamos fazer esta afirmação somente com uma análise minuciosa e *in loco*. E por mais que sexo oral não fosse bem visto pelos romanos, a sua prática era aceita:

Embora moralmente desqualificada, a felação constituía-se prática sexual bastante difundida. O foco da questão moral parece estar não no ato em si, mas em quem pratica. O homem que sofre a felação não perde seu caráter viril [...] o problema moral estaria se um cidadão romano fosse o agente da felação [CAVICCHIOLI, 2009, p.84].

O que explicaria a relação entre o senhor e um escravo, ou entre um cidadão romano e um prostituto. Mas se não é bem visto, por que seria representado este ato em uma cunhagem de moedas durante o principado romano? Ainda mais em se tratando de um *fellatio* entre dois homens? É nesse sentido que imaginamos as *spintriae* tivessem um significado satírico, jocoso, voltados ao deleite e diversão. Assim como as elites letradas teriam acesso aos epigramas com esse teor, as moedas alcançariam de maneira mais ampla e democrática a majoritária população iletrada.

Como já mencionado, as moedas são instrumento de poder e propaganda política do Império Romano, por isso não desvinculamos a intenção política em suas cunhagens: pensamos em uma vertente que atrele as *spintriae* ao deleite, a diversão, a aspectos da vida comum e a política.

Moeda 2:



Imagem extraída do artigo Muito além do prazer. As moedas romanas e as posições sexuais: relações de poder (MARQUETTI, F. R.; CARLAN, C. U.; FUNARI, P.P., 2015). Revista Est. Fil. e Hist. da Antiguidade, Campinas, nº 29, jan-dez 2015.

No anverso a cena que retrata sexo por trás, de forma violenta, com o homem sendo o personagem ativo/dominador, enquanto a mulher é passiva/dominada, sendo controlada por uma coleira. Provavelmente trata-se de sexo anal, onde é possível observar o falo do homem, os seios da mulher, além desta apresentar ancas largas, que é comumente associada a questões de fertilidade.

Ambos os personagens apresentam coroas, e o contexto do leito aparece ornamentado com cortinas, podendo ser outro indício de pessoas pertencentes à elite. Na parte inferior da moeda é possível perceber três símbolos distintos: um jarro, um S trespassado por um cravo e uma imagem de um falo estilizado. O jarro remete à fertilidade, o S é o símbolo do senado que neste período era controlado por Augusto- por isso o cravo trespassado no S (MARQUETTI, F. R.; CARLAN, C. U.; FUNARI, P.P., 2015). Ao lado desses símbolos, há pequenos falos, que na sociedade romana era associada à sorte, à fertilidade, e como símbolos apotropaicos. Estão dispostos um subjacente ao outro como os alicerces do leito.

No reverso dessa amoedação há o número romano VI, emoldurado por uma coroa de louros, que remete a um símbolo natural de vitória.

Nesta *spintria* podemos notar que a mulher é representada com ancas largas, que é significante de fertilidade, assim como o jarro cunhado abaixo. Porém o ato sexual parece ser a tergo, e portanto, estéreo. Dentre as imagens cunhadas, essa é, segundo nossa perspectiva de cunhagem satírica, a que mais se aproxima do tom jocoso, frequentes nos epigramas.

O falo estilizado, devido ao poder apotropaico é uma possibilidade aceita, bem como poderia ser a cunhagem da miniatura de um homem, fazendo referência a uma concepção sexual: um feto. Por se tratar de um sexo por trás, reforçaria ainda mais o seu elemento satírico e do absurdo. A insígnia S trespassada por um cravo, assim como na figura 1, é compreendida como símbolo político existente nas produções das amoedações, que geralmente remetem a algum poder imperial.

Moeda 3:



Imagem extraída do artigo Muito além do prazer. As moedas romanas e as posições sexuais: relações de poder. CARLAN, FUNARI, MARQUETTI, Revista Est. Fil. e Hist. da Antiguidade, Campinas, nº 29, jan-dez 2015.

No anverso desta moeda é retratado o sexo frontal, onde há a troca de olhares entre o casal, denotando intimidade e reciprocidade- compartilham o prazer do ato sexual. Os tamanhos das personagens são equiparados, podendo ser um indício de pessoas de poderes sociais equivalentes, pertencentes do mesmo âmbito social, podendo até mesmo ser um retrato de uma relação entre um casal.

Os ornamentos no leito com as cortinas, pode ser um fator de pessoas pertencentes à elite. O S, símbolo do senado, aparece na parte inferior da amoedação, entre as pernas do homem, porém, sem ser trespassado pelo cravo. Segundo Marquetti, Carlan e Funari, na época dessa cunhagem, Augusto aumentou o número de senadores para ter maioria, por isso, a igualdade de decisões de poderes- e ausência do cravo (2012, p. 139).

Reverso: No reverso dessa amoedação há o número romano XII, emoldurado por uma coroa de louros, que remete a um símbolo natural de vitória.

Esta moeda parece-nos retratar um momento de intimidade, descontração, onde ambos desfrutam do prazer. Não há sinais de sátira, sendo esta a leitura imagética desta moeda ligada ao deleite, a apreciação do amor, do ato sexual. E, assim como as demais moedas, com uma insígnia de poder do Império Romano, que seria o S, que remete ao senado.

Os reversos das moedas analisadas seguem um padrão, de um número romano sendo emoldurado pela insígnia da vitória- a coroa de louros. Roma cunharia moedas sem a representação do louro, significante de vitória e poder? Acreditamos que estas cunhagens não designam a vitória de Roma sobre outrem específico, mas o poder de Roma sobre o Império todo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A moeda mostra-se uma excelente fonte, pois, a partir de sua análise encontramos diversos aspectos que abrangem a série na sua totalidade. Ou seja, aspectos políticos, estatais, jurídicos, religiosos, econômicos, mitológicos, estéticos. Podendo informar sobre os mais variados retrospectos de uma sociedade. Ela testemunha determinadas relações culturais importantes para o historiador. Mas também não podemos esquecer que a moeda como documento, não é reflexo de um simples fator econômico, e sim trata-se de outro acontecimento paralelo. Uma materialidade, constituída por camadas sedimentares de in-terpretações: “o documento, é assim, pensado arqueologicamente como monumento” (JENKINS, 2001, p.11).

As legendas eram abreviaturas em latim, relacionadas com as imagens de averso e reverso. Ocorrendo assim a união escrita / imagem. O receptor daquela peça saberia identificar o seu governante, suas mensagens simbólicas. Existiam todas as espécies de signos, figuras geométricas, signo de pontuação, astros, animais, vegetais, brasões, que levavam uma mensagem governante / governado, ao vasto mundo romano.

Em Roma, a moeda unificava todo um território que estava submetido a um mesmo poder político. Mais que a língua e a religião, era um dos poucos instrumentos que permanecia imutável de uma parte a outra do Império. As variações correspondiam às oficinas monetárias e ao chefe do governo. É possível considerá-la como uma transmissora de uma ideologia e do poder político.

A Numismática tem se demonstrado um campo rico para pesquisas dos campos mais variados, desde a política, economia, sociologia e até mesmo relações de gênero, como no caso das *spintriae*. Para além do caráter político-militar peculiar à produção da moeda, as práticas sexuais cunhadas nessa tipologia de moeda nos relatam seu caráter a diversidade sexual romana, seu poder existente na política e entre as relações humanas.

As moedas com cunhagens de práticas sexuais, além de proporcionar bem estar econômico com a posse da moeda, poderia acarretar no bem estar individual e logo coletivo, fruto da representatividade do sexo para a sociedade romana. O sexo, o falo, transcendem as questões fisiológicas para os mesmos: significam sorte, fertilidade, religiosidade, poder e claro, prazer. Unir todos esses elementos à propaganda imperial talvez seja um bom artifício para manter a paz e satisfação popular com o Império Romano.

Nesse sentido, as amoedações emitiam mensagens do poder de um soberano. Pelo metal precioso, ou não, em que estava lavrada, ela veiculava também a ideologia comum a uma civilização, nesse caso a cristã ocidental ou a orientação política de um governante. As suas legendas e tipos, refletiam a estrutura político - ideológica de um povo ou de vários povos, como também retratavam o fato vivido, seu dia a dia, suas conquistas.

Agradecimentos

Aos amigos e colegas da UFPEL/LEPAARQ, pela oportunidade de trocarmos ideias Pedro Paulo Funari, Fabio Vergara, André Leonardo Chevitarese, Lourdes Feitosa, Margarida Maria de Carvalho, Paula Aranha.

Ao apoio institucional da Universidade Federal de Alfenas e FAPEMIG

A responsabilidade pelas ideias restringem-se aos autores.

REFERÊNCIAS

- BURKE, Peter. *Cultura popular na idade moderna: Europa 1500 – 1800*. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- CARLAN, Claudio Umpierre. *Linguagem e Imagem: Numismática como documento*. Revista E. F. e H. da Antiguidade, Campinas, no 28, Julho 14 2014/Dezembro 2014.
- CARLAN, Cláudio Umpierre. CARVALHO, Margarida Maria de. FUNARI, Pedro Paulo. *História Militar do Mundo Antigo*. Volume 1. São Paulo: Annablume, 2011.
- CARLAN, Cláudio Umpierre. FUNARI, Pedro Paulo. *Moedas: a numismática e o estudo da História*. São Paulo: Annablume, 2012.
- CAVICCHIOLI, Marina Regina. *A sexualidade no olhar: Um estudo da iconografia Pompeiana*. Campinas, SP: Abril, 2009.
- CORVISIER, Jean Nicolas. *Sources et Méthodes en Histoire Ancienne*. pr. editons. Paris: Presses Universitaires de France, 1997.
- GRANT, Michael. *Roma: a queda do Império*. Tradução Maria José Figueiredo. Lisboa: Editorial Presença, 2009.
- JENKINS, Keith. *A História Repensada*. Tradução Mário Vilela. Revisão Técnica Margareth Rago. São Paulo: Contexto, 2001.
- LE GOFF, Jacques. *Memória-História*. In Enciclopédia Einaudi. V.1. Verbetes “História”, “Memória”, “Documento/Monumento”. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984.
- MARQUETTI, F. R.; CARLAN, C. U.; FUNARI, P.P. *Muito além do prazer. As moedas romanas e as posições sexuais: relações de poder*. Campinas, nº 29, jan-dez 2015.
- VEYNE, Paul. *Sexo & Poder em Roma*. Tradução de Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

FONTES IMPRESSAS

- AMMIANO MARCELLINO. *Historia (Rerum Gestarum Libri)*. Edición de Maria Luisa Harto Trujillo. Madrid:Akal, 2002.

FONTES NUMISMÁTICAS

- Acervo do Museu Histórico Nacional, Rio de Janeiro. Medalheiro 2, lâmina 7.

CATÁLOGOS E DICIONÁRIOS

- CHEVALIER, Jean. GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos*. 8a. ed. Tradução: Vera Costa e Silva, Raul de Sá Barbosa, Ângela Melim, Lúcia Melim. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1994.
- SILVA, Kalina Vanderlei, SILVA, Maciel Henrique. *Dicionário de conceitos históricos*. 2ª edição. São Paulo : Contexto, 2009.
- THE ROMAN IMPERIAL COINAGE. Edited by Harold Mattingly, C.H.V. Sutherland, R.A.G. Carson. V. VI, VII, VIII. London : Spink and Sons Ltda, 1983.

Recebido em: 08/12/2017

Aprovado em: 08/08/2018

Publicado em: 30/11/2018